

CORTE DE CANA: FACÃO E CORAÇÃO

Rodrigo Coelho¹

Luceli Aparecida de A. Abrão²

Maria Inês F. Aipp³

Fabricia T.S. Zuque⁴

Flávia R.S. Zuque⁵

Maria Angelina S. Zuque⁶

RESUMO

No Brasil desde a colonização a exploração da cana-de-açúcar gerou relações questionáveis, sobre a exploração do trabalhador, a evolução do poder aquisitivo dos usineiros e a manutenção precária de seus trabalhadores. Ainda hoje, mais de 60% da colheita da cana é feita manualmente e existem cerca de 135 mil cortadores de cana no estado de São Paulo que detém 60% da produção nacional. O objetivo do estudo foi identificar o perfil dos trabalhadores de corte de cana residentes em Murutinga do Sul, São Paulo. Trata-se de um estudo transversal, descritivo com análise das variáveis após entrevistas com estes trabalhadores. Destes 56,25% são do sexo masculino e 43,75% feminino a faixa etária predominante foi de 30-50 anos (81,25%). A maioria possui menos de oito anos de escolaridade, menos de 10 anos na profissão e trabalham por produtividade. Executam suas atividades em jornadas extenuantes recebendo baixos salários sem garantias trabalhistas. Os resultados apontam a necessidade de mudanças no processo de trabalho para evitar o adoecimento, óbitos e acidentes de trabalho.

PALAVRAS-CHAVE

Cortador de cana. Saúde do trabalhador. Sucro-alcooleiro

INTRODUÇÃO

A história da cana-de-açúcar nasceu com a própria história do Brasil as primeiras mudas chegaram supostamente pelas mãos de Martim Afonso de Souza em 1531. Desde o início até o desenvolvimento das altas tecnologias, a exploração da cana-de-açúcar gerou relações questionáveis, por exemplo, a evolução do poder aquisitivo da “casa grande” e a manutenção precária da senzala. Acompanhando a revolução industrial os escravos foram substituídos por

AUTORES

1 Discente de Enfermagem Faculdades Integradas Três Lagoas-FIT/AEMS.

2 Enfermeira, especialista em Enfermagem do Trabalho.

3 Docente das Faculdades Integradas de Três Lagoas-FIT/AEMS.

4 Especialista em Urgência e Emergência.

5 Mestre em Desenvolvimento da Região Centro-Oeste/UFMS.

6 Mestre em Doenças Tropicais/UNESP.

trabalhadores que recebiam salários e gastavam com produtos manufaturados. A produção cresceu a área cultivada também. Morre o engenho e nasce a usina.

Desde a colonização, o setor depende da exploração da mão-de-obra, de recursos públicos e da violação da legislação ambiental para se manter (MENDONÇA, 2008). Segundo os usineiros, há 335 mil cortadores de cana no Brasil, sendo 135 mil em São Paulo, estado que detém 60% da produção nacional e não divide a riqueza com seus cortadores, que vivem em situações precárias. A remuneração caiu, mas as exigências no trabalho aumentaram em 1985, o trabalhador cortava 5 toneladas diárias de cana e em 2008 9,3 toneladas (MAGALHÃES, 2008).

Estudos sobre o trabalhador rural ultrapassam a valorização acadêmica, olhar para os cortadores de cana como profissionais, pessoas e cidadãos se fazem premente em uma sociedade como a que vivemos. O objetivo do estudo foi identificar o perfil dos trabalhadores de corte de cana em Murutinga do Sul. Não existem estudos sobre o comprometimento da saúde dos trabalhadores no corte de cana neste município, diante do exposto justifica-se a pesquisa.

2 DESENVOLVIMENTO

O mercado sucro-alcooleiro movimenta com faturamentos diretos e indiretos, o correspondente a 3,5% do PIB nacional (LAAT, 2007). Após a implantação do PROÁLCOOL, em 1975, o cultivo da cultura da cana-de-açúcar tornou-se bastante atrativo aos empreendedores, devido aos preços competitivos em relação a outras culturas agrícolas, além dos incentivos governamentais (RAMÃO, 2007). Em meados da década de 90 Murutinga do Sul passou por mudanças no setor de economia os proprietários de terra foram incentivados a cultivar a cana-de-açúcar após a construção de Usinas de Álcool nesta região. Embora responsável pela maior concentração de mão-de-obra nesta época, os trabalhadores da região não sabiam lidar com o corte da cana ou não se sujeitaram as condições de trabalho. Diante da situação, foi observado o início do processo de migração de trabalhadores, de áreas mais pobres e tradicionais no cultivo da cana da região nordeste.

Em 2002, com a introdução dos veículos flex pela indústria automobilística, exigiu maior produtividade do setor, levando os grandes usineiros a investir em tecnologias complexas, mas por outro lado, as condições desgastantes a que são submetidos os cortadores de cana ainda preocupam líderes sindicais

e movimentos sociais. Embora o mercado externo tenha um papel importante para a nova dinâmica canaveira, internamente a redução de custos e o aumento da produtividade do trabalho, são os elementos chave (ALVES, 2008).

Ao trabalhador do corte da cana com a saúde já debilitada em razão das condições sócio-econômicas somam-se novos padrões de desgaste que se traduzem em envelhecimento precoce, morte prematura, doenças cardiovasculares, degenerativas, mentais, entre outras (ALESSI, 1997). O corte da cana pode ser feito sob duas condições: cana crua e cana queimada. Na primeira, o cortador usa um facão, elimina a palha e, a seguir, corta a cana rente ao solo e na ponta. Na cana queimada, além do corte, como a prática da queima é na noite anterior ao corte, a terra ainda está aquecida no outro dia e a temperatura se eleva ainda mais quando o sol esquenta, expondo o trabalhador a um constante e intenso calor, além das fuligens e poeira originada da queima (ALESSI, 1997). A jornada de trabalho é de segunda a sábado, oito horas diárias com remuneração baseada na produção de cada trabalhador (RAMÃO, 2007). O trabalho é extremamente extenuante, a imposição da quantidade diária de cana cortada tornou-se cada vez mais crescente (SILVA, 2005). Alessi e Scopinho (1994) indicam que um cortador de cana de açúcar de sexo masculino pode alcançar a produção máxima de 14 toneladas/dia e do sexo feminino 10 toneladas/dia. Cabe ressaltar que a Norma Brasileira de Ergonomia (NR-17 da Portaria 3214/78 – Ministério do Trabalho e Emprego) não admite o pagamento por produção quando existem riscos à saúde dos trabalhadores.

O corte manual da cana é caracterizado por movimentos repetitivos (flexão, extensão) dos braços, pernas e tronco e marcado por um ritmo acelerado monótono, automatizado e pode originar as DORTs (Doenças Osteomusculares Relacionadas ao Trabalho) (LAAT, 2007). Estes movimentos, conjugados com a exposição às condições meteorológicas, levam o trabalhador a diminuir seu limiar de atenção, aumentando a possibilidade de ocorrência de acidentes (ALESSI, 1997). O corte é realizado ao ar livre, sob o sol, com uso de Equipamento de Proteção Individual (EPIs) de obrigatoriedade no fornecimento pelas empresas segundo as Normas Regulamentadoras Rurais nº. 4.

O trabalho sob o sol levam a um elevado dispêndio de energia, suor abundante e, com isto, perda de muita água e sais minerais levando à desidratação e à freqüente ocorrência de câimbras. Estas começam, em geral, pelas mãos e pés, avançam pelas pernas e chegam ao tórax, quando são chamadas, pelos trabalhadores, de 'birola' ou 'canguri' (NOVAES & ALVES, 2007). Para conter a desi-

dratação, as câimbras e a 'birola', algumas usinas já distribuem entre os trabalhadores soro, por via oral, e, em alguns casos, suplementos energéticos. Alegam que além de sal e açúcar, o soro contém potássio e outros sais minerais. Porém, até este momento as autoridades sanitárias não sabem a composição e nem os efeitos dos soros e suplementos energéticos distribuídos aos trabalhadores.

No processo migratório dos trabalhadores observa-se a desintegração familiar, ausência na educação dos filhos e saudades dos familiares. No que tange às condições de moradia dos migrantes, as denúncias apontam não somente para a precariedade como também para as condições subumanas (SILVA, 2005).

Uma das mudanças importantes na etapa agrícola canavieira foi a da mecanização do corte de cana. Chegou-se a imaginar que pelos anos 2000, não teria mais trabalhadores assalariados rurais volantes. A mecanização inicialmente se deu em decorrência do crescimento do poder de barganha dos trabalhadores, com as greves e ganhou um aliado, no final dos anos 80 e início dos 90 – a luta contra as queimadas. O que efetivamente ocorreu e se aprofundou na presente década foram taxas de desemprego elevadas e um violento processo de expulsão de trabalhadores da agricultura familiar. A combinação destes dois elementos e o desemprego, juntamente com a mecanização parcial do corte de cana, disponibilizaram um amplo contingente de trabalhadores para a agroindústria canavieira que promoveu a um só tempo, o aumento da produtividade do trabalho, a redução dos custos de contratação dos trabalhadores e a redução de salários (ALVES, 2008). Está previsto em São Paulo, a extinção do corte manual para 2015, junto com as queimadas que facilitam a colheita (MAGALHÃES, 2008).

3 CASUÍSTICA E MÉTODO

Murutinga do Sul situa-se na região noroeste do Estado de São Paulo, com população estimada de 4.134 habitantes e equiparidade entre os sexos. A faixa etária de 20 a 49 anos encontra-se com 95,9% alfabetizada e maiores de 50 anos com 72,7% (IBGE). A economia do município está alicerçada na criação de gado de corte e na agricultura canavieira. A produção de cana-de-açúcar de Murutinga do Sul é encaminhada para os municípios de Andradina e Mirandópolis.

3.2 Método

Trata-se de um estudo transversal, descritivo com análise das variáveis coletadas. A pesquisa foi realizada no mês de abril de 2008 e a amostra dos sujeitos foi intencional, por julgamento e adesão dos participantes. Os critérios para participar da pesquisa foram: ser cortador de cana-de-açúcar residente em Murutinga do Sul e idade superior a 18 anos. Após os esclarecimentos sobre a pesquisa seguiu-se a coleta de dados por meio de entrevista individual, na casa do participante, com ajuda de um roteiro semi-estruturado contendo variáveis sobre as características socioeconômicas e trabalhistas dos participantes. Para a consolidação dos dados e criação das tabelas foi utilizado o Programa Epi Info (TM) 3.4.3.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram do estudo 16 trabalhadores, com predominância do sexo masculino e faixa etária entre 30 e 50 anos, Tabela 1. Do total de entrevistados, 19% são naturais de Murutinga do Sul e 69% migrantes de outros municípios de São Paulo e 12% de Alagoas. Entre os migrantes 31% atribuem esta mudança à busca por melhores condições de trabalho, 31% por motivos familiares e 19% não responderam esta questão. Os homens constituíram a maioria dos migrantes como também do total de trabalhadores similar ao encontrado na literatura, geralmente se submetem ao processo de migração, pois, culturalmente são os provedores do lar. Assim, deixam suas famílias, saem de sua região de origem e partem para as áreas de cultivo da cana em busca de trabalho para proporcionar melhores condições de vida para sua família.

De acordo com a Tabela 1, possuem escolaridade acima de 08 anos de estudo 31%, com menos escolaridade 69% e analfabetos 6%. Em relação à faixa etária observou-se que 81% dos trabalhadores possuem entre 30 e 50 anos, idade que apresentam o melhor condicionamento físico e conseqüentemente melhor rendimento na produtividade. Assim, a rotatividade torna-se muita alta, em virtude da reposição constante da força de trabalho, consumida durante o processo produtivo (SILVA, 2005). Observou-se que o tempo de exercício da profissão dos trabalhadores variou de 02 anos a 25 anos, e 75% dos sujeitos trabalham há menos de 10 anos sugerindo que os cortadores de cana vêm esta ocupação como uma alternativa de emprego diante da dificuldade de empre-

gabilidade no mercado.

Tabela 1 - Nº. e % das características dos cortadores de cana. Murutinga do Sul / SP – 2008 (n=16)

Características	Nº.	%
Sexo		
Masculino	09	56,25
Feminino	07	43,75
Faixa etária		
< 30 anos	01	6,25
30 - 50 anos	13	81,25
> 50 anos	02	12,50
Escolaridade		
Sem escolaridade	01	6,25
1º Grau incompleto	10	62,50
1º Grau completo	02	12,50
2º Grau completo	03	18,75
Renda per capita		
< 0,5 Salário Mínimo	11	68,80
0,5 - 1 Salário Mínimo	4	25,50
> 1 Salário Mínimo	1	6,30
Tempo de profissão		
< 10 anos	12	75,00
10 - 20 anos	02	12,50
> 20 anos	02	12,50

A jornada de trabalho é de seis dias da semana com carga horária diária variando segundo sexo e idade, Tabela 2. A maioria informou jornada diária com média de sete horas e 30 minutos. Os trabalhadores são transportados de ônibus, fornecido pela empresa, até o canavial e leva uma hora para 81% dos trabalhadores, uma hora e 30 minutos para 6% e duas horas para 13% dos trabalhadores. Deve-se ressaltar que o processo de trabalho inicia-se a partir do momento em que ele acorda e começa a se preparar para embarcar na condução que o levará até a lavoura e o final vai se dar com o seu retorno ao lar (ALESSI, 1997). Além disso, os trabalhadores não recebem a hora in etneri, quer

dizer, viajam até uma hora e trinta minutos para chegar ao local de trabalho e não são remunerados por isso (SCOPPINHO, 1999). Então, na verdade, a jornada efetiva dos operadores desta usina pode chegar a uma carga horária de 10 ou mais horas.

Tabela 2 - Frequência absoluta da carga horária, segundo sexo e idade. Murutinga do Sul / SP – 2008 (n=16)

Variáveis	Carga horária diária		Total
	7h e 30 min	8 h	
Sexo			
Masculino	6	3	9
Feminino	4	3	7
Idade			
> 30 anos	-	1	1
30 - 50 anos	7	6	13
< 50 anos	1	1	2

O intervalo de almoço é de uma hora e cada um prepara e leva a sua marmita sem ter local específico ou adequado, bem como ausência de instalações sanitárias a água é oferecida pela empresa e existe em quantidade suficiente. O fato de o trabalhador levantar-se muito cedo, cumprir uma primeira jornada de trabalho em sua moradia, acrescido do tempo gasto com o transporte até o canal, faz com que alguns deles, assim que chegam à plantação, alcem antes de iniciarem o trabalho. Ao longo da jornada o trabalhador repõe as energias ao seu organismo bebendo muita água, tomando café e também chupando cana que repõe a água e sais minerais perdidos pelo organismo, mas por outro lado costuma provocar diarreias, devido o alto teor de sacarose (ALESSI, 1997).

O vínculo empregatício de 94% dos trabalhadores é contrato mensal e 6% tem registro na Carteira Profissional (CTPS), ou seja, os demais não gozam os benefícios em termos de contribuição previdenciária e acesso à aposentadoria.

O salário é calculado por produção, o corte manual tem baixíssima remuneração o rendimento depende da agilidade e destreza do trabalhador, as principais formas de controle e diminuição dos ganhos salariais podem ser observadas na medição e na pesagem da cana (SCOPPINHO,1999). Em relação a renda per capita dos entrevistados o encontrado foi: menor de 0,5 Salário Mínimo (68%), 0,5 a 1 Salário Mínimo (26%) e maior que 1 Salário Mínimo (6%).

É comum os trabalhadores sofrerem de cãibra, tontura, lesões por esforço repetitivo e acidentes com o facão, para conseguir mais dinheiro em condições tão adversas, muitos ultrapassam seus limites físicos (KANASHIRO, 2007).

Os entrevistados informaram utilizar EPI (caneleira, mangote, luvas, botinas, óculos, bonés e coturno) durante o trabalho. Apesar da sua obrigatoriedade, sabe-se que nem todos os empregados rurais usam EPI e também a inadequação dos mesmos acaba constituindo em outras cargas laborais. O equipamento que não se adequa ao corpo acaba atrapalhando os movimentos requeridos na operação de corte da cana, prejudicando a produtividade do trabalho (ALESSI, 1997).

5 CONCLUSÃO

O perfil dos trabalhadores de acordo com a pesquisa é formado por trabalhadores em sua maioria homens, adultos jovens, com baixa escolaridade e baixa condição socioeconômica, trabalhando em jornadas extenuantes e recebendo baixos salários sem garantias trabalhistas. Assim como os escravos sumiram de certa historiografia, os cortadores de cana são uma espécie invisível nas publicações do setor, ainda hoje se acumulam denúncias de trabalho escravo.

Em Murutinga do Sul embora a maioria dos trabalhadores do corte da cana entrevistados, não tenham confirmação diagnóstica de doenças ocupacionais com sintomas visualizáveis no momento da entrevista, o resultado da pesquisa demonstrou a existência de uma sobrecarga de trabalho, onde o alcance das metas produtivas de modo a obterem-se melhores salários possa estar ocorrendo à custa do desgaste dos trabalhadores levando ao adoecimento a curto e médio prazo ou mesmo acidentes de trabalho.

Espera-se com estes resultados poder contribuir com os responsáveis pela organização do trabalho e da produção, para trazer novos parâmetros para a organização do trabalho principalmente pelo efeito que o pagamento por produção, vem causando à saúde desses trabalhadores. O Ministério Público deve investigar o impacto das condições ambientais como a exposição a sol forte, calor, poeira e cinza e do uso de agrotóxicos na saúde dos trabalhadores bem como o cálculo do “pagamento por produção”. Também se espera que sejam elaboradas políticas públicas de escolarização e qualificação dos jovens cortadores de cana, no sentido de capacitá-los para novos postos de trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALESSI, N.P. Saúde e trabalho rural. Cad Saúde Publ. Rio de Janeiro, 13(Supl. 2): 111-121 1997.

ALVES, F. Modernização da agricultura e sindicalismo: as lutas dos trabalhadores assalariados rurais na região canavieira de Ribeirão Preto. Campinas, 1991. 270p. Tese (Doutorado) – IE/Unicamp.

_____. Processo de trabalho e danos à saúde dos cortadores de cana. InterfaceEHS - Revista de Gestão Integrada em Saúde do Trabalho e Meio Ambiente. S.l.; jul, 2008. [Acesso em 13/09/2008]. Disponível em: http://www.interfacehs.sp.senac.br/br/artigos.asp?ed=8&cod_artigo=145

BALSADI, O.V. Mercado de trabalho assalariado na cultura da cana-de-açúcar no Brasil no período 1992-2004. Informações Econômicas. São Paulo, v.37, n.2, p.38-54, fev. 2007.

KANASHIRO, M.; REYNOL, F. Combustível para crescimento e problemas sociais. Com Ciência. Revista eletrônica de Jornalismo Científico. s.l. , n. 86, abr, 2007. Disponível em: <http://www.comciencia.br/comcienci>.

LAAT, E. F.; VILELA, R. A. G. A análise ergonômica do trabalho na colheita da cana-de-açúcar: proposta para redução do desgaste físico do trabalhador. Livro de Memórias do III Congresso Científico Norte-nordeste – CONAFF. Fortaleza, maio, 2007.

LUCIO, M. Medida Provisória legaliza trabalho escravo. Jornal A Nova Democracia. Rio de Janeiro, fevereiro, 2008. Ano VI, nº 40. Disponível em: <http://www.anovademocracia.com.br/index.php/Medida-Provisoria-legaliza-trabalho-escravo.html>.

MENDONÇA, M. L. Morte de trabalhadores em São Paulo. Jornal Brasil de Fato. Porto Alegre, fevereiro, 2008, p. 3. [Acesso em 30/10/2008]. Disponível em http://www.social.org.br/artigos/BDF_3_Agrocombustiveis-20081.

_____; MELO M. Monocultura da cana-de-açúcar cresce, e exploração dos trabalhadores aumenta. *Jornal Brasil de Fato*. Porto Alegre, fevereiro, 2008, p. 3. [Acesso em 30/10/2008]. Disponível em: http://www.social.org.br/artigos/BDF_3_Agrocombustiveis-20081

NOVAES, R.; ALVES, F. Migrantes: trabalho e trabalhadores no complexo agroindustrial canavieiro. In: *Os heróis do agronegócio brasileiro*. São Paulo: Ed. UFS-Car, 2007. p.21-54.

RAMÃO, F.P.; SCHNEIDER, I.E.; SHIKIDA, P. F. A. Padrão tecnológico no corte de cana-de-açúcar: um estudo de caso no estado do Paraná. *Rev. de Economia Agrícola*. São Paulo, v. 54, n. 1, p. 109-122, jan./jun. 2007

SCOPINHO, R. A.; Farid, E.; VIAN, C. E. F.; SILVA, P. R. C. Novas tecnologias e saúde do trabalhador: a mecanização do corte da cana-de-açúcar. *Cad. Saúde Pública*. Rio de Janeiro, 15(1): 147-161, jan-mar, 1999.

SILVA, A. P. S.; BALDIN, L. S. A.; SCOPINHO, R. A. & ALESSI, N. P. O transporte dos trabalhadores rurais: A situação de um grupo após ocorrência de um acidente de trajeto. In: *Saúde e trabalho no Sistema único de saúde*. São Paulo: HUCITEC. 1994

SILVA, M. A. M. Trabalho e trabalhadores na região do “mar de cana e do rio de álcool”. *AGRÁRIA*. São Paulo. Nº 2, 2005.